

CRUZ DE EXPIAÇÃO E CRUZ DE EVOLUÇÃO ¹

Teilhard de Chardin

Por nascimento, e para todo o sempre, o Cristianismo está votado à Cruz, dominado pelo sinal da Cruz. Só pode continuar igual a si mesmo identificando-se cada vez mais intensamente com a essência da Cruz.

Mas, justamente, qual é afinal a essência — qual é o *verdadeiro* sentido da Cruz?...

Sob a sua forma tradicional *elementar* (tal como ainda a apresentam correntemente os livros de piedade, os sermões e até o ensino nos seminários), a Cruz é *primeiramente* símbolo de reparação e de expiação. E, por tal motivo, exprime e veicula todo um complexo psicológico onde se reconhecem distintamente, pelo menos a título de tendências, os seguintes elementos:

a) Noção catastrófica, e dominância no Mundo, do Mal e da Morte, encarados como sequência natural e cronológica de uma Falta original.

b) Desconfiança face ao Homem que, sem estar exactamente mutilado e pervertido (os teólogos desenhencilham--se mediante o artifício dos dons «sobrenaturais»), já não tem a frescura nem o vigor que lhe permitiriam triunfar nos seus empreendimentos terrestres.

c) Mais sintomática ainda, desconfiança geral (quase maniqueia) por tudo o que é Matéria, sendo esta olhada quase universalmente muito menos como uma reserva de espírito do que enquanto princípio de queda e de corrupção.

Tudo isto decerto, e felizmente, tomado no fogo de um amor poderoso pelo Deus crucificado. Mas no fogo de um amor de tipo quase exclusivamente «ascensional», cujo acto mais operante e mais significativo é sempre apresentado sob os traços de uma depuração dolorosa e de um desprendimento sofredor.

Ora é precisamente isto que, para os neo-humanistas que agora somos, se torna rapidamente irrespirável e *deve ser mudado*.

A fim de reinar numa Terra subitamente desperta para a consciência de um movimento biológico que a impele em frente, a Cruz (sob pena de ser impossível com a natureza humana que ela pretende salvar) deve a todo o custo, e sem tardar, manifestar-se a nós como um Sinal não só de evasão² («escape»), mas de progressão.

Deve brilhar a nossos olhos não já apenas como purificadora, mas como *motriz*.

No entanto, será possível uma tal transformação — *sem deformação*?

Sim, responderei «enfaticamente» — ela é possível, e até exigida, se formos ao fundo das coisas, pelo que há de mais tradicional no espírito cristão.

E eis como.

Esqueçamos, por instantes, tudo o que acabo de lembrar sobre o sentido «clássico» e subpessimista da Cruz. E, deixando de lado por momentos a própria Cruz, volvamos o nosso olhar para o segundo termo do conflito religioso moderno, ou seja, para a famosa «Evolução».

Tomada nos seus traços mais essenciais, esta poderosa realidade impõe-se à nossa experiência com os seguintes caracteres:

a) Devido à sua natureza «ordenável», ela exige trabalho, ela é «esforço».

b) Por efeito estatístico de probabilidades, ela só pode avançar, nas suas construções tateantes, deixando atrás de si, e a todos os níveis (inorgânico, orgânico, psíquico), um longo rastro de desordens, de sofrimentos e de faltas (Mal «evolutivo»).

c) Pela própria estrutura do processo de evolução biológica (envelhecimento

¹ in *A minha Fé*, Teilhard de Chardin, ed. Notícias, Lisboa, 1998, PÁG. 243-247

² A evasão que Teilhard denuncia aqui é aquela que, em nome do valor «redentor» da dor, dispensaria de lutar até ao limite das próprias forças contra o mal. O encontro de Deus, ao invés, supõe que se coopere sempre com a sua vontade criadora. «O óptimo da minha comunhão de resignação [escreve o Padre em *O Meio Divino*, p. 100 da edição francesa] vem coincidir... com o máximo da minha fidelidade ao dever humano.» (*N. do E.*)

orgânico, retransmissão genética, metamorfose...), ela implica a Morte.

d) Por exigência simultaneamente psicológica e energética, enfim, ela requer no seu topo (uma vez chegada ao grau «reflectido») um princípio atractivo, que «amorize» o funcionamento inteiro do Universo.

Imbuamo-nos bem do sentimento destas quatro condições fundamentais que definem a própria atmosfera do Novo Mundo onde despertamos tomando consciência da movente organicidade das coisas à nossa volta.

E depois, com estes novos dados em mente, regressemos à Cruz; – contemplemos um Crucifixo...

O que se oferece a nossos olhos na madeira – penando, morrendo, libertando – será ainda o Deus do Pecado Original? ou será, pelo contrário, o Deus da Evolução?

Ou melhor, o Deus da Evolução – aquele que o nosso Neo-Humanismo aguarda – não será muito justamente, e muito simplesmente, tomado no sentido pleno e no estado generalizado, o próprio Deus da Expição?...

Na verdade, se atentarmos bem, «carregar os pecados do Mundo culpado» é identicamente, *traduzido e transposto em termos de Cosmogénese*, «carregar o peso de um Mundo em estado de evolução³»!

Efectivamente (e tal é o «grito» ou o testemunho que eu gostaria de fazer ouvir a quem de direito, no decurso destas páginas), tornou-se-me tão fisicamente impossível ajoelhar-me interiormente diante de uma Cruz *puramente* redentora, quanto me sinto apaixonadamente seduzido e satisfeito por uma Cruz na qual se sintetizam as duas componentes do Futuro: o Transcendente e o Ultra-Humano; ou, como eu dizia no começo, o Em--Cima e o Em-Frente.

Pessoalmente, não posso escapar à evidência de que, no segundo caso (embora com a diferença de uma dimensão), é exactamente a mesma Cruz, *mas muito mais verdadeira*, que eu adoro.

E, nesta disposição interior (categórica e final), sinto, bem sei, que não estou sozinho, mas que uma legião de outros afluem e confluem comigo.

Em suma, concluirei eu, apesar dos profundos remodelamentos em curso na nossa visão fenomenal do Mundo, a Cruz permanece de pé; e ela ergue-se mesmo cada vez mais direita, na encruzilhada de todos os valores e de todos os problemas, em pleno coração da Humanidade. Sobre ela pode e deve continuar, mais do que nunca, a fazer-se a divisão entre o que sobe e o que desce.

Mas isto só com uma condição: a de que, ao alargar-se às dimensões de uma nova idade, ela cesse de se oferecer a nós sobretudo (ou mesmo exclusivamente...) como o sinal de uma vitória sobre o Pecado, para atingir enfim a sua plenitude que é a de se tornar o símbolo dinâmico e completo de um Universo em estado de personalizante Evolução.

Nova Iorque (Purchase), 14 de Setembro de 1952.

³ Atendendo à confusão presente, importa explicitar que, «carregar o peso de um Mundo em evolução» não é diminuir a parte do sacrifício, mas acrescentar à pena de expiação essa outra, mais constante e constringedora, de participação, em plena consciência do destino humano, no trabalho universal indispensável ao seu êxito.

Quão grande urgência adquire, nesta perspectiva, o apelo de Cristo: «Se alguém quer vir atrás de mim, negue-se a si mesmo, carregue a sua cruz todos os dias e siga-me.» (*Lc*, IX, 23) (*N. do E.*)